

A IMIGRAÇÃO MENONITA NO PARANÁ E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO CULTURALE SOCIOECONÔMICA DE CURITIBA

The mennonite immigration in Paraná and influence on cultural and socio-economic aspects in the city of Curitiba

Ariane Antônia¹
Malcolm Costa¹
Adriane Iaroczinski¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo abordar sobre a imigração Menonita no Estado do Paraná e sua influência na formação cultural e socioeconômica da cidade de Curitiba. Quando se fala no desenvolvimento do Paraná é impossível não fazer uma associação com os imigrantes, pois eles foram os maiores agentes de transformação do espaço geográfico atual do Estado, abrigando no seu território, representantes de mais de vinte etnias. A grande maioria veio para Curitiba com a esperança de um recomeço, e por causa disso, acabaram ajudando a transformar o Paraná em uma das economias mais representativas do Brasil. Os Menonitas, um grupo étnico-religioso que se originou do movimento anabatista, surgiram na Europa no século XVI. O nome menonita se deu em homenagem ao seu maior líder religioso, o holandês Menno Simons (1496-1561). Desde então, os menonitas foram perseguidos, torturados e martirizados e muitos saíram da Alemanha e migraram para a Prússia (atual Polônia), e no século XVIII migraram para a Rússia onde prosperaram. Com o advento da 1ª Guerra Mundial, se tornaram inimigos do governo e novamente foram perseguidos. Migraram para vários países, inclusive para as Américas, como fugitivos do comunismo russo. Vieram para o Brasil no início da década de 30 e instalaram-se no Vale do Rio Krauel, no município de Ibirama, em Santa Catarina, mas não se adaptaram à região montanhosa e selvagem, e por isso buscaram novos rumos, fundando assim, algumas comunidades na região do Boqueirão, em Curitiba, e na Colônia Witmarsum (em Palmeira), no Paraná. Nessas comunidades construíram igrejas, escolas, hospitais, cooperativas, estradas e montaram comércios variados de tradição familiar, que até hoje perduram e influenciam na cultura, na sociedade e na economia da capital do Paraná.

Palavras-chave: Imigração menonita. Influência cultural e socioeconômica. Transformação do espaço geográfico.

Abstract: This article presents the Mennonite immigration in the state of Parana and its influence on the cultural and socioeconomic shaping of the Curitiba city. With more than twenty ethnic groups, the immigrants were one of the greatest responsible agents for the change of the current geographical area of the State and the majority of them came to Curitiba with the hope of a new beginning, and because of that, they ended up helping the Parana to transform in one of the most significant economies of Brazil. The Mennonites, an ethnic-religious group that originated from the Anabaptist movement, emerged in Europe in the sixteenth century. The Mennonite name was given in honour of its greatest religious leader, the dutchman Menno Simons (1496-1561). Since then, the Mennonites were persecuted, tortured and martyred and many left Germany and migrated to Prussia (now Poland), and in the eighteenth century they migrated to Russia where they thrived. With the 1st World War, they became government enemies and were persecuted again. They migrated to many countries, including the Americas as communist fugitives. They came to Brazil in the early 30s and settled in the Krauel's valley in Ibirama, Santa Catarina, but do not adapted to the wild mountains, and sought for new directions, founding some communities in the Boqueirao area in Curitiba and in the Witmarsum Cologne (Palmeira), Parana. In these communities they built churches, schools, hospitals, cooperatives, roads and set up family business's tradition, that unto today influence the culture and the economy of the capital of Parana.

Keywords: Mennonite immigration. Cultural and socioeconomic influence. Transformation of the geographical space.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

Introdução

Em praticamente todo o Estado do Paraná é impossível não encontrar a influência marcante dos imigrantes, presentes em setores como agricultura, culinária, cultura, religião, arquitetura, entre outros. Em Curitiba, a vinda dos imigrantes causou mudanças nos hábitos sociais e culturais da capital. Nas praças, ruas e parques, nas relações sociais em locais fechados, como cafés, clubes, cinemas e teatros. Segundo Waldenfels (1997), o próprio estrangeiro torna-se, assim, criador e agente de uma cultura de transposição entre o próprio mundo e o mundo forasteiro, influenciando significativamente o fortalecimento da integração social e transposição cultural no seu novo país. Entre esses grupos étnicos que contribuíram na formação da capital do Estado do Paraná, se destaca a regionalização do mundo vivido dos imigrantes Menonitas e sua trajetória de inserção na Região Metropolitana de Curitiba. Estes demarcaram suas fronteiras culturais, e aos seus descendentes transmitiram hábitos, costumes e tradições que modificaram e influenciam o espaço geográfico da Curitiba até hoje.

Portanto, a intenção deste trabalho é colaborar para a ampliação e interesse dos estudos sobre a imigração Menonita e sua influência na formação cultural e socioeconômica da capital do Paraná. Buscaremos reconhecer traços de como a identidade menonita foi sendo construída e consolidada ao longo dos séculos em que estes peregrinaram pela Europa e, posteriormente, por outras partes do mundo até migrarem para o Brasil, ao passo de chegarem à cidade de Curitiba a partir de 1931.

Os menonitas: panorama histórico

O povo menonita surgiu em decorrência do movimento cristão anabatista na Suíça, no século XVI, na mesma época da Reforma Protestante. Segundo Juan F. Martínez (1997), os anabatistas foram assim chamados porque eles rebatizavam todos os seus prosélitos de idade adulta que já tivessem sido batizados quando crianças, pois creem que o verdadeiro batismo só tem valor quando as pessoas se convertem conscientemente a Cristo. Desta forma, os anabatistas desconsideravam tanto o batismo católico quanto o batismo dos protestantes luteranos, reformados e anglicanos. Pregam o pacifismo e o enfatiza na forma de não matar nunca, nem em defesa própria, nem em defesa do país. (MARTÍNEZ, 1997).

De acordo com o dicionário Mennonite Low Germany Dictionary e Mennonitisch-Platdeutsches Worterbuch de Thiessen (2003, p.502), o autor define Menonita: como aquele que pertence a um grupo cuja religião é evangélica livre, pratica o batismo adulto, renuncia ao serviço de guerra e ao juramento. Por suas convicções, passam a ser perseguidos por todos, tanto católicos quanto protestantes. Como destaca Maske (1999), o movimento anabatista seguiu o curso do rio Reno: o movimento nascera na Suíça, passando pela Alemanha para desembocar nos Países Baixos (Holanda). Muitos anabatistas foram martirizados, principalmente por não batizarem crianças. Um padre holandês, comovido com a situação, passou a defender o grupo e, em pouco tempo, começou a discordar do batismo infantil. Este padre era Menno Simons que, abandonando a batina, se transformou em líder de um novo grupo, e aqueles que seguiam seus ensinamentos foram denominados pelos inimigos de “menistas”, e mais tarde “menonitas” (KLASSEN, 1998).

Assim, vinculados ao movimento anabatista, sob a liderança de Menno Simons, os menonitas aparecem no cenário europeu.

Menno Simons

Menno Simons nasceu em 1496, em Witmarsum, em uma pequena aldeia na província

de Friesland, norte da Holanda. Ordenado padre católico em 1524, suas opiniões religiosas divergiam da Igreja, o que o levou a estudar atentamente o Novo Testamento e os escritos de Martinho Lutero. Em 1537, tornou-se pregador anabatista, e revelou-se um missionário incansável, transmitindo a nova fé através de regiões da Frísia, sul da Holanda e Alemanha. (PENNER, 1955). Foi o líder anabatista mais importante, e em sua homenagem, originou-se o nome Menonitas. Pregava uma igreja livre e pacifista, desvinculada de governos (GIDDENS, 1989). Menno Simons morreu no dia 31 de janeiro de 1561 em Bad Oldesloe, Alemanha.

Da Europa ao Brasil: rumo à liberdade

Ainda no século XVI, alguns menonitas do Flandres, por causa de seus princípios religiosos, foram perseguidos e condenados à morte pela Inquisição espanhola que se estabeleceu naquela região. Por causa disso, os menonitas fogem da Holanda e refugiam-se na Prússia, o que hoje é a Polônia. Maske (1999) considera que foi durante os quase 200 anos na Prússia que os menonitas solidificaram a formação de sua identidade como grupo étnico-religioso, e adotaram o *hochdeutsch* (alemão) como língua pública do grupo, sem excluir o *plattdeutsch* (dialeto formado a partir do alemão e do holandês) da esfera privada. Incorporaram também muitos elementos da cultura alemã. No final do século XVIII a Prússia vivia a apreensão com a agitação política na França às portas da Revolução Francesa de 1789 (PENNER, 1955). Com o controle governamental da Prússia, os colonos menonitas foram impedidos de possuir novas áreas e seus descendentes não tinham mais terras cultiváveis (DYCK, 1992).

Em 1786, Catarina A Grande, czarina russa, convidou os menonitas da Alemanha e da Prússia, conhecidos por seu potencial de trabalho, a ocupar o sul da Rússia e colonizar as grandes estepes do Volga. Em troca, ofereceu terra, auxílio do governo, direito à administração dos próprios bens, isenção do serviço militar e liberdade religiosa (WISOTZKI, 1992).

O progresso e a prosperidade vieram a atingir seu auge em 1890 e 1914, quando formaram uma população de cerca de 120.000 menonitas, muitos eram proprietários de moinhos, indústrias e fazendas consideradas as melhores do mundo de então. Conquistaram um padrão de vida invejável (WISOTZKI, 1992). Tinham criado escolas e faculdades, e um sistema educacional único; construíram também orfanatos, asilos e hospitais.

Porém, por mais que os menonitas se esforçassem para manter suas tradições, não se pode negar que a cada momento de mudança, novos elementos foram incorporados à sua identidade. E por mais que naquele momento se identificassem como alemães e fossem contrários à nacionalidade russa, mais tarde, quando parte do grupo vem para o Brasil, aqui serão identificados como alemães-russos. Não só os menonitas, mas outros grupos de imigrantes que entraram no Brasil foram identificados como de nacionalidade alemã, quando eram, na verdade, cidadãos russos, poloneses, austríacos, dentre outros. Esta imprecisão foi causada principalmente pelas constantes mudanças de fronteiras na Europa (SEYFERTH, 1981).

Todavia, em 1914, veio a 1ª Guerra Mundial. A Rússia luta contra a Alemanha. O czar Nicolau II determina o confisco de terras menonitas por considerá-los espiões alemães. Em 1917, a Revolução Russa acontece. A situação do grupo ficou cada vez mais insustentável. O czar é deposto. Os menonitas são considerados inimigos da revolução (KLASSEN, 1995). Muitos sofrem morte brutal.

Em 1920, a Rússia está sob o comando de Lenin. Toda propriedade passa a pertencer ao Estado e formam-se fazendas coletivas. Os menonitas mais prósperos perdem suas terras; os que se mantêm, pagam altos impostos; a Educação cristã é proibida e muitos professores são enviados à Sibéria ou simplesmente desapareceram. Restara somente a fuga. (KLASSEN, 1995).

Em fins de 1929, mais de 13.000 menonitas se aglomeravam em Moscou, querendo cru-

zar o Portão Vermelho, chegar à Alemanha e imigrar para a América. Os que conseguiram sair rumo à Alemanha receberam alguma ajuda da Cruz Vermelha na divisa da Rússia.

Entre 1923 e 1926, perto de 20.000 menonitas imigraram para o Canadá. Agora, era a liberdade ou a morte. Um rumo incerto. O outro lado do mundo, mas, no caminho da fé e da liberdade. (KLASSEN, 1995).

No dia 16 de janeiro de 1930, o navio Monte Olivia partiu do Porto de Hamburgo, na Alemanha, para levar os primeiros imigrantes menonitas ao Brasil (LOEWEN, 1980). O Monte Olivia chegou à ilha de Flores no Rio de Janeiro, no dia 3 de fevereiro de 1930, trazendo as primeiras 30 famílias menonitas (PENNER, 1955). Outros dois navios trouxeram mais colonos, fugitivos da Rússia. Até 1932 chegariam mais de mil imigrantes menonitas, com a ajuda do governo alemão, da Cruz Vermelha Germânica e dos menonitas holandeses (GOULART; FRAGA, 2000).

Saiu do Rio de Janeiro para o porto de São Francisco do Sul, um contingente de 1.300 pessoas que conseguiram a emigração para Santa Catarina (PENNER, 1955). “Seguiram de Itajaí até Blumenau num pequeno vapor fluvial. De trem de Blumenau foram para Ibirama, e de lá, a pé, em lombo de cavalos ou em carroças, entre as montanhas, a oeste de Ibirama: o vale do rio Krauel”. (PAULS, 1980, p. 35).

Fundaram ali, a Colônia Krauel, com os núcleos Waldheim, Gnadental e Witmarsum, que eram o centro de todo o estabelecimento; e depois, quando chegaram mais menonitas, fundaram Auhagen em Stoltz Plateau (Serra do Mirador) e mais tarde se espalharam para outras regiões do território brasileiro. A grande maioria dos menonitas do Vale era de agricultores, mas também havia marceneiros, carpinteiros, alfaiates, sapateiros, enfermeiras e professores. (GOULART; FRAGA, 2000). De acordo com Pauls (1980, p. 36) “A mudança de um agricultor do estepe, com uma lavoura mecanizada e um clima continental, para uma agricultura silvícola primitiva e meramente manual, nas condições de um clima subtropical, representou um desafio difícil de ser enfrentado”. Foi, entretanto, exatamente diante deste desafio que os menonitas se depararam quando chegaram ao Brasil.

Para os imigrantes tudo era novo neste ambiente: a selva, os índios, a cultura brasileira etc. Precisavam aprender uma agricultura tropical, uma nova forma de construir casas, como as cabanas dos caboclos, e também a conviver com os índios xokleng, kaingang e guarani e com os cafuzos (GOULART; FRAGA, 2000).

Todavia, neste ambiente multicultural, longe da civilização conhecida da Ucrânia-Polônia, os menonitas tentaram reorganizar-se socialmente em cooperativas, escolas e grupos religiosos, como haviam feito na antiga Rússia.

Então, para que houvesse o desenvolvimento da Colônia, os imigrantes menonitas contaram com o apoio financeiro da Igreja Menonita holandesa. Duck (2006) descreve que cada família recebeu dinheiro para a compra de uma vaca e de algumas galinhas. Os recursos enviados pelos irmãos holandeses também foram destinados para a construção da serraria, do moinho de cereais, da usina de leite e de uma fecularia (fábrica de farinha de mandioca). Também há registros de que as construções de escolas e os salários dos primeiros anos dos professores foram pagos com recursos holandeses (DUCK, 2006).

Houve, a partir de então, a criação de um sistema econômico, a Cooperativa (Sociedade Cooperativa Witmarsum). A organização ajudou a encurtar as distâncias entre as áreas de produção e os consumidores. Ali, os colonos vendiam seus produtos e compravam as mercadorias de que precisavam. Porém, um agravante geográfico para essas divisões foi a estreiteza do vale, por ser uma região muito montanhosa e selvagem os imigrantes menonitas não se adaptaram à floresta e ao clima quente, não permitindo uma colonização densa ao longo da estrada, distanciando as casas, o que dificultou bastante o intercâmbio entre os colonos.

O afastamento dos centros de cultura brasileira fortaleceu também as tendências se-

gregacionistas dos menonitas, resultando no uso quase exclusivo das suas línguas tradicionais (alemão oficial e Plaudietsch) consideradas como parte de sua identificação cultural e na manutenção autônoma do seu sistema escolar (KLASSEN, 1995). Quase todos os menonitas estavam convencidos de que os problemas da integração social com as outras culturas poderiam ser superados através do fortalecimento interno de sua própria cultura e, através desse fortalecimento, contribuir para o avanço social.

Do vale para a cidade

Todavia, devido principalmente às dificuldades comerciais causadas por esse afastamento encontradas no Vale do Krauel, algumas famílias resolvem mudar-se para outros lugares em busca de melhoria das condições de vida. Segundo Siemens (1983), os primeiros anos de colonização foram cheios de dificuldades e com consideráveis sofrimentos. A primeira colheita de milho, mandioca e batata-doce foi um fracasso total. Apesar do empenho dos colonos em tentar garantir a próxima colheita com adubação, ela não foi melhor do que a primeira. No terceiro ano de insucesso, ficou claro que aquela terra não seria capaz de mantê-los ali. Em breve algumas famílias tinham perdido a esperança e decidiram procurar terras mais apropriadas para a agricultura. Neste intento, em 1931, chega a primeira família menonita em Curitiba, Paraná. Nos anos posteriores novos grupos vieram, a maior parte foi dos imigrantes de Auhagen em busca de novas terras.

Em Curitiba, os menonitas encontraram uma paisagem semelhante a da região da Ucrânia setentrional, onde poderiam conviver com outros imigrantes alemães também de origem russa. Essas semelhanças culturais e ambientais com a antiga pátria incentivaram uma crescente imigração para Curitiba, não só do núcleo de Auhagen, mas também de outros lugares de Santa Catarina. Desta forma, a integração social externa à sociedade brasileira foi facilitada por estas experiências históricas dos menonitas, pois, como lembra Thompson (1998), os costumes de um grupo não estão somente ligados aos resquícios do passado de um grupo, mas também são frutos recentes de um novo contexto.

Os campos abertos de Curitiba permitiam o uso do arado e da criação de gado. A partir de 1934 estabeleceram-se inicialmente nos bairros Água Verde, Vila Lindóia, Pilarzinho, Bacacheri e na Vila Guáira, em pequenas propriedades. As quase 40 famílias menonitas que vieram, com o dinheiro da venda de suas próprias terras adquiriram 100 alqueires na região dos bairros Xaxim e Boqueirão. Esses lotes ficam na beira da atual Rua Francisco Derosso (SUTIL, 1995).

Quanto a estes aspectos estruturais, lembra um menonita, visitante do núcleo do Boqueirão, que “na estação do trem nossa gente veio nos receber, muito cordialmente. Em um carro da colônia nós andamos primeiramente em uma estreita rua asfaltada, depois se tornou acidentada, adiante veio rua pedregosa, e por fim fomos nós por uma estrada de chão” (SUTIL, 1995, p. 159).

Formaram um núcleo de pequenas chácaras iniciando a formação de uma comunidade religiosa significativa no meio urbano (KLASSEN, 1998).

Entre 1936 e 1937 nas regiões da antiga Fazenda do Boqueirão e no Xaxim tiveram o enfoque na produção leiteira, e seu principal meio de subsistência. Esta atividade em breve estaria suprindo mais da metade do leite consumido pela população da capital paranaense, pouco mais de 93.000 habitantes no início dos anos 30, e mais tarde seria comercializado pela cooperativa do Boqueirão, fundada em 1945 (SUTIL, 1995).

Figura 1. Transporte de leite por carroças na década de 40 – Boqueirão



Fonte: Disponível em: <<http://www.erasto.com.br/o-colegio/menonitas>>. Acesso em: 2014.

As charretes transportavam o leite para o centro da cidade. No entanto, como os caminhos eram precários e somando-se ao fato de serem as terras do Boqueirão muito alagadas, os leiteiros tiveram suas carroças muitas das vezes atoladas ou perderam a produção do dia. Porém, o solo da região não trouxe apenas prejuízos no momento do transporte do leite, mas também quando o gado ficava atolado no banhado (SUTIL,1995). Além dos problemas relacionados com o transporte do leite, houve uma preocupação cada vez maior com a higienização dessa mercadoria. É neste mesmo ano que surge a Usina Astra, responsável por pasteurizar grande parte do leite produzido em Curitiba e redondezas (SUTIL,1995).

Figura 2. Embalagem do leite



Fonte: A autora

Urbanização da região

Havia uma extensão de estrada, mais ou menos cuidada, da Rua Marechal Floriano Peixoto que ia até o Asilo Nossa Senhora da Luz, nos limites da área mais urbanizada da cidade de então. O prolongamento desta via até o bairro do Boqueirão foi realizado pelos militares em

troca de um terreno para a construção do Quartel do Boqueirão.

A urgência na restauração da Rua Marechal Floriano Peixoto, começa a ser reclamada após a abertura do Aeroporto Afonso Pena, no ano de 1946, em São José dos Pinhais, pois esta seria uma importante via de acesso àquela instalação, e também relacionado à sua importância como acesso para o município vizinho, visto ser o território do Boqueirão “já bastante populoso, lugar de produção e abastecimento da cidade, principalmente do leite, pois ali se encontra o gado mais numeroso e seletivo para a indústria de laticínios” (SUTIL, 1995, p. 1). Começa a ser percebida então, a importância dos menonitas, que dentre outras identificações, representavam para a sociedade curitibana da época o grupo de leiteiros que praticamente abastecia toda cidade com este produto.

A presença do Quartel do Boqueirão ajudou no desenvolvimento da região, sua instalação atraiu a vinda de mais moradores, brasileiros e imigrantes de diferentes nacionalidades, e demandou obras de infraestrutura. As vias de acesso do Boqueirão, antes das mudanças feitas pelos militares no traçado da Rua Marechal Floriano Peixoto, era a Estrada do Andreguetto, com ponto de partida em frente ao local onde seria erguido o quartel e ligava o bairro até a Rua Salgado Filho, no bairro Uberaba, e também, a atual Rua Francisco Derosso, que vinha do bairro do Portão e ligava Curitiba a São José dos Pinhais. Em 1938 chegaram dois geradores de energia no quartel, o qual fornecia eletricidade pelo menos para as propriedades próximas.

O transporte coletivo público não chegava até o bairro nesse período. Porém, em 1942 um abrangente projeto de reurbanização foi elaborado para nortear o crescimento da cidade. O plano diretor de Curitiba foi realizado por uma empresa de São Paulo, que contratou para fazer o projeto o arquiteto Alfred Agache, responsável pelo plano de reurbanização do Rio de Janeiro, executado entre os anos 1927-1930 (OLIVEIRA, 2000). O projeto curitibano, assim como outros feitos por este engenheiro, ficou conhecido como Plano Agache. Na região do Boqueirão, na década de 50 pela execução do plano diretor, se desenvolveram edificações e estradas, apesar de que antes foi necessário realizar a drenagem de parte dos rios Belém e Iguaçu. E assim, entre plantações, criações, e realização do comércio, os menonitas começaram a construir não apenas suas casas, mas suas vidas em Curitiba. (SUTIL, 1995).

Hoje, as comunidades menonitas representam elementos marcantes dos bairros do Boqueirão e Xaxim, com uma integração sistêmica no campo da religião, com várias igrejas menonitas espalhadas pelos bairros, as instalações do Colégio Erasto Gaertner e a Praça Menonita tornaram-se marcos importantes na paisagem urbana de Curitiba.

A escola do boqueirão

A partir de 1931, começaram a chegar as primeiras famílias de menonitas em Curitiba. Passaram-se cinco anos desde as primeiras instalações e adaptações na nova cidade para que os menonitas empreendessem a construção de uma escola elementar para suas crianças. A construção da Escola do Boqueirão se deu de forma comunitária, empreendida pelos próprios menonitas, tanto com o trabalho braçal, quanto com donativos (GOERZ; KOOP, 2001). Em março de 1936, numa construção de madeira, a escola começa com 18 alunos, e dividia-se em morada do professor e nos fins de semana lugar de atividades religiosas.

Aproximava-se a Segunda Guerra Mundial e o governo brasileiro passou a impedir que estrangeiros exercessem o magistério no país. A esposa de um oficial militar brasileiro assumiu a escola, e os alunos começaram a ter aulas em português; mais tarde, a escola foi fechada e os alunos foram transferidos para outras escolas (KREUTZ, 2000).

Finda a Guerra, em 1945, a Escola do Boqueirão foi autorizada a reiniciar suas atividades. Em 1956, a escola realiza o sonho da comunidade: é instituído o Ginásio Erasto Gaertner.

O nome foi escolhido para homenagear o recém-falecido ex-prefeito de Curitiba, notável por sua atuação na saúde e educação da cidade. Em 1966, o Ginásio agora passou a se chamar Colégio Erasto Gaertner.

Em agosto de 1974 é criada a Fundação Educacional Menonita, juntamente com a Faculdade Fidelis, em parceria com a Primeira Igreja Irmãos Menonitas do Boqueirão, Igreja Evangélica Menonita de Curitiba, Igreja Irmãos Menonitas do Xaxim, Igreja Menonita de Vila Guaira e Igreja Evangélica Irmãos Menonitas da Vila Guaira.

O Colégio Erasto Gaertner foi a primeira escola da Região Sul da cidade de Curitiba e reflete o espírito empreendedor do menonita. Hoje, é uma instituição respeitada na capital, sendo um ponto de referência educacional.

Figura 3. Colégio Erasto Gaertner



Fonte: Disponível em: <<http://www.erasto.com.br/estrutura/estrutura-fisica>>. Acesso em: 2014.

Outras instituições menonitas

Hoje, a comunidade menonita de Curitiba mantém instituições de grande importância para a cidade. O Núcleo Terapêutico Menno Simons que atende aproximadamente 1.200 pessoas por mês. A Casa José atende adolescentes carentes todos os dias e abriga rapazes em regime de república na Fazenda Rio Grande, cidade vizinha à capital paranaense.

A AMAS (Associação Menonita de Assistência Social), criada em 1970 no município de Palmeira, Paraná, iniciou um trabalho pioneiro para prestar atendimento a crianças carentes; elas passam o dia na instituição, para que seus pais possam trabalhar, contribuindo significativamente, desde então, para a segurança e bem-estar das crianças atendidas e de seus familiares. A AMAS mantém projetos específicos de Educação e Assistência Social em diferentes níveis de atendimento com os seguintes eixos: CEI (Centro de Educação Infantil), Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos e integração da família, em seis Unidades diferentes: Cantinho da Criança (Pinheirinho - Curitiba), Letras Douradas (Xaxim - Curitiba), Aprendendo com Amor (Uberaba - Curitiba), Estrela de Belém (Lapa - Paraná) e Lar Criança Feliz (Palmeira - Paraná).

O lar Betesda (casa de repouso), dá assistência residencial-hospitalar para 80 idosos. O ISBIM (Instituto Seminário Bíblico Irmãos Menonitas) oferece cursos de teologia e educação cristã e de línguas para adultos e uma escola de ensino regular para 180 crianças até o 9º ano. Mantém a chácara Betel, com mais de três alqueires; o Esporte Clube Olímpico, uma grande infraestrutura própria; e o Danúbio, com locais de esportes e lazer.

A colônia Witmarsum

Em 1951, outras famílias menonitas do Vale do Krauel também deixaram Santa Catarina. Com a ajuda das instituições menonitas dos Estados Unidos, adquiriram a fazenda Canceleda com 7.800 hectares, no município de Palmeira, nos Campos Gerais do Paraná, a 60 km de Curitiba e 62 km de Ponta Grossa. Formaram a colônia Nova Witmarsum, nome dado em homenagem à terra natal Menno Simons, onde instalaram a Cooperativa Mista Agropecuária Witmarsum Ltda. em 1952, produtora dos laticínios Canceleda.

A Cooperativa conta atualmente com aproximadamente 310 sócios, que tiram seu sustento basicamente da agropecuária, ou seja, produção de leite, frangos de corte, milho, soja, trigo etc. A Cooperativa tem como atividades industriais a fábrica de rações e fábrica de queijos finos e mantém toda estrutura para recepção e armazenagem de grãos produzidos pelos associados, bem como presta toda assistência técnica veterinária e agrônômica, fornece todos os insumos necessários para produção e atua na comercialização da produção de seus associados.

Produtos fabricados pela Cooperativa Witmarsum

Figura 4. Produtos da cooperativa Witmarsum



Fonte: Disponível em: <<http://www.witmarsum.coop.br/>>. Acesso em: 2014.

A Cooperativa Witmarsum está situada no Km 146, BR-277, no Município de Palmeira, na Região Sul do Paraná, distante cerca de 60 km de Curitiba, capital do Estado do Paraná. Atualmente, possui uma série de instalações: A escola Fritz Kliever, para 500 alunos, hospital, ambulatório, farmácias, um museu, uma igreja evangélica menonita, uma igreja evangélica irmãos menonitas, uma escola de música, um hotel, duas pousadas, café coloniais, um restaurante, um centro cultural social recreativo, um parque de exposição da Cooperativa, um posto policial, duas agências bancárias, uma agência de correio, um supermercado da cooperativa, vários mercados, uma padaria, um açougue, um posto de abastecimento de combustível, uma borracharia, várias oficinas, lojas comerciais, um posto para informações turísticas e um cemitério. Estas

instalações atendem tanto a população de Witmarsum como as comunidades menores nos arredores da colônia.

Witmarsum é, na atualidade, a maior colônia menonita no Brasil.

Um empreendedor menonita

Quando da elaboração deste trabalho, visitamos várias Instituições Menonitas nas regiões do Boqueirão e Xaxim, e em uma dessas ocasiões, tivemos a oportunidade de conhecer e saber um pouco da história do senhor H. K., um morador aposentado muito respeitado por todos que o conhecem. A família de H. K. partiu da Rússia de volta à Alemanha, com seus pais e cinco irmãos. H. K. completou um ano de idade a bordo do navio que trouxe a sua família ao Brasil. Aos 17 anos de idade decidiu que não gostava de trabalhar na agricultura, como a maioria de seus familiares na região de Santa Catarina. Partiu para Blumenau para trabalhar como aprendiz de soldador na empresa Breilkopf, onde ficou dois anos trabalhando e aprendendo a profissão para se estabelecer por conta própria na cidade de Curitiba. Conheceu sua esposa, M. R., também menonita, casaram-se e vieram residir no bairro de Vila Guaira.

Em Curitiba H.K. fundou a Caldeiras Lincoln, na avenida República Argentina, e por mais de 40 anos fabricou caldeiras, vendidas para diversos estados brasileiros e exportadas para o Paraguai, para as colônias menonitas estabelecidas naquele país. Nestes anos, gerou centenas de empregos e contribuiu com o progresso de Curitiba, a exemplo de outras empresas de menonitas que trouxeram progresso para a cidade, como as indústrias Karson, Macopá, Três Pinheiros, Abrãodeker, Chocolates Salware, Indústrias Trevo, entre outras.

Hoje, aos 79 anos de idade, H. K. continua casado com M. R. K., com a qual tem 5 filhos, 13 netos e 4 bisnetos.

Visita ao café Mennon

Localizado na Rua Waldemar Loureiro Campos, 3620, no bairro Xaxim, Curitiba, o Café Mennon é um local que expressa a influência da colonização e que leva a origem Menonita até no nome.

Tudo começou com o menonita, Sr. Peter Rempel, em 1960, quando este abriu a Leiteria e Pastelaria MENNO na Rua Presidente Faria 51, ao lado do correio velho, no centro de Curitiba, que vendia leites, pastéis, entre outros produtos da Cooperativa do Boqueirão para toda a capital. O local onde antes era a Leiteria e Pastelaria Menno é atualmente uma agência de Recursos Humanos.

Em 2012, Egon Robert Enns (neto do Senhor Peter Rempel), abriu o Café Mennon na Rua Waldemar Loureiro de Campos 3620 no bairro Xaxim em Curitiba. Uma mistura de museu e bistrô com gastronomia tradicional do povo Menonita. Além do cardápio variado e do conforto, o local tem uma estrutura com sala para eventos, Internet *Wi-Fi*, estacionamento próprio e área verde, e também, um ambiente perfeito para encontros entre amigos e reuniões de negócios, além de ser um ótimo local para uma pausa.

Todavia, o que mais se destaca no café, é um pequeno museu com objetos dos colonizadores Menonitas. Batizado como Sótão das Memórias, ao subir as escadas, nos deparamos com *banners* que contam a trajetória do povo menonita, desde a Europa até o Brasil. O espaço conserva roupas, louças, garrafas, brinquedos, livros, ferros de passar, relógio antigo, fotografias de pessoas que viveram na região, famílias, comerciantes, estudantes, ministros religiosos e outras relíquias.

Nas palavras do Senhor Egon Robert Enns: “As antiguidades são mais do que simples

objetos, elas são parte viva da história, nos falam das lutas, sofrimentos, hábitos e costumes”.

Figura 5. Sótão das Memórias



Fonte: A autora

O senhor Egon Robert Enns atualmente é o presidente da Associação Cultural Menonita, e ele acredita que ao manter viva a memória e contribuição cultural e socioeconômica de seu povo não é apenas para os menonitas, mas também, para a sociedade curitibana, pois foi Curitiba um dos lugares onde esses imigrantes se instalaram, e onde suas fronteiras nacionais se integraram sistemicamente.

Considerações finais

Este trabalho buscou interpretar a história de um agrupamento humano, os menonitas, desde seu início com o movimento anabatista no século XVI, juntamente com o seu maior representante, o ex-padre católico Menno Simons, de onde teve origem o nome menonita. Destaca-se, assim, a trajetória e experiência dos menonitas, suas peregrinações e perseguições na Europa, saindo da Alemanha, depois para a Prússia, atual Polônia, da Rússia fugindo do comunismo e seu espalhamento pelo mundo até suas primeiras instalações no território brasileiro na década de 1930.

O grupo de menonitas, que foram o foco de nossa pesquisa, foram aqueles que saíram do Vale do Krauel em Santa Catarina para a região Metropolitana de Curitiba, capital do estado do Paraná. As famílias que se instalaram na região do Boqueirão transformam o espaço geográfico nos aspectos estruturais e socioeconômicos. A exemplo do espírito comunitário, temos a construção da Escola do Boqueirão, que mais tarde veio a se tornar o Colégio Erasto Gaertner, um modelo educacional de Curitiba.

Foi destacado a Cooperativa Witmarsum, uma das empresas agropecuárias do Paraná, de rações e grãos e do leite Cancela e derivados. Também contamos um pouco da história do senhor menonita H.K., que viveu no período da imigração menonita e sua contribuição empreendedora para a economia de Curitiba.

E por último, a nossa visita ao Café Mennon, um local onde as pessoas podem ter a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a história, tradições, costumes e objetos que pertenceram às pessoas que ajudaram a construir a comunidade menonita da região do Boqueirão; além de poder saborear um maravilhoso café com comidas tradicionais menonitas, um ambiente moderno e aconchegante, que remonta às raízes do povo menonita na cidade de Curitiba.

Referências

ASSOCIAÇÃO MENONITA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. Disponível em: <<http://www.amasbrasil.org.br/historico.php>>. Acesso em: 15 out. 2014.

COLÉGIO ERASTO GAERTNER. Disponível em: <<http://www.erasto.com.br/>>. Acesso em: 15 out. 2014.

CENTRO CULTURAL. Disponível em: <<http://www.centroculturalleg.com.br/>>. Acesso em: 17 out. 2014.

DUCK, Elvine Siemens. **Witmarsum, uma comunidade trilingue**: Plautdietsch, Hochdeutsch e Português. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR. Curitiba, 2005.

DUCK, Abram. **Abram Duck - Autobiografia**: um peregrino a serviço do Senhor na Igreja e na Comunidade. 2006.

DYCK, Cornelius J. **Uma introdução à história menonita**. São Paulo: Cristã Unida, 1992.

FACULDADE FIDELIS. Disponível em: <<http://www.fidelis.edu.br/>>. Acesso em: 15 out. 2014.

FRIESEN, Karl. **Construção da identidade menonita no Boqueirão**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2001.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GOERZ, Hans; KOOP, David. **Imigrantes de Origem Germânica no Brasil: Ciclos Matrimoniais e Etnicidade**. 2. ed. Curitiba: Aos Quatros Ventos, 2001.

GOULART, M. C. R. K.; FRAGA, N. C. **Vale dos índios, Vale dos imigrantes**. Blumenau: Cultura em Movimento, 2000.

MARTÍNEZ, Juan F. **História e Teologia da Reforma Anabatista**. Campinas: Cristã Unida. 1997.

MASKE, Wilson. **Bíblia e arado**: os menonitas e a construção do seu reino. Dissertação Mestrado em História – Setor de Ciências Humanas. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1999.

LOEWEN, Heinrich. Von Deutschland nach Brasilien. In: PAULS JUNIOR, Peter. (org.).

Mennoniten in Brasilien: Gedenkschrift zum 50 Jahr – Jubiläum ihrer Einwanderung, 1930-1980. Witmarsum, 1980.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. **A questão nacional na Primeira República.** São Paulo: Brasiliense, 2000.

PAULS JÚNIOR, P. P. Urwaldpioniere. Persönliche Erlebnisse Mennonitischer Siedler aus den ersten Jahren am Krauel und vom Stoltzplateau, S.C. Curitiba: Festkomitee für die Jubiläumsfeier, 1980.

PENNER, H. Weltweite Bruderschaft. Ein mennonitisches Geschichtsbuch. Karlsruhe: Schneider, 1955.

KLASSEN P.P. Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien Band 1: Rio Alto Krauel und Soltzplateau in Santa Catarina. Bolanden-Weiherhof: Mennonitischer Geschechtsverein, 1995.

KREUTZ, L. A educação de imigrantes no Brasil. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Orgs). **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica.** Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SIEMENS, João Udo. **Variiedades linguísticas entre os menonitas de Curitiba.** Dissertação Mestrado em Letras – Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 1983.

SUTIL, Marcelo. Boqueirão: o bairro na história da cidade. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins.** Curitiba, v. 22, n. 106, ago. 1995.

THIESSEN J. Mennonite Low German dictionary: Mennonitisch-Plattdeutsches Wörterbuch. Hardcover. 2003.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros:** uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

WALDENFELS, B. **Topographie des Fremden.** Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1997.

WERLEN, B. Sozialgeographie alltaeglicher Regionalisierungen. **Band 2:** Globalisierung, Region und Regionalisierung. Stuttgart: Franz Steiner, 1997.

WISOTZKI, E. **Die Überlebensstrategien der russlanddeutschen Mennoniten.** Bonn, 1992.

WITMARSUM COOPERATIVA: Disponível em: <<http://www.witmarsum.coop.br/www.cooperativawitmarsum.com.br/indexa66f.html?canal=2>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

ENTREVISTAS

H. K. Entrevista concedida a Ariane Antônia e Malcolm Costa. Curitiba, novembro de 2014.

Egon Robert Enns. Entrevista concedida a Ariane Antônia e Malcolm Costa. Curitiba, novembro de 2014.

VISITA COLÉGIO ERASTO GAERTNER: Visita realizada por Ariane Antônia. Curitiba, outubro de 2014.

VISITA CAFÉ MENNON: Visita realizada por Ariane Antônia e Malcolm Costa. Curitiba, novembro de 2014.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.